

O sonho consciente: relações entre o filme *Waking Life* (2001) e a filosofia de Ernst Block

Wellington Costa de Oliveira¹⁹

Maurício Rasia Cossio²⁰

Resumo: O presente trabalho aborda a relação intertextual entre a filosofia de Ernst Block e a película “*Waking Life*”. Nessa perspectiva, nota-se que a obra filosófica se entrelaça com a obra cinematográfica. Ao decorrer do artigo, observa-se o diálogo construído com diversas filosofias presentes no filme, entre as quais, a existencialista, a marxista, e a corrente dialética. Para tanto, revisitam-se os escritos de Bloch, de Sartre e Heidegger, assim como os diálogos contidos na película que reforçam o pensamento desses autores.

Palavras-chave: Filosofia. Utopia. Sonho-diurno. Existencialismo. Cinema

The Conscious Dream: Relations between the film *Waking Life* (2001) and the philosophy of Ernst Block

Abstract: The present work intends to demonstrate the intertextual relation between the philosophy of Ernst Block and the film "Waking Life". In this perspective, it is noticed that the philosophical work intertwines with the cinematographic work. In the course of the article, one observes the dialogue constructed with several philosophies present in the film, among which, the existentialist, the Marxist, and the dialectical current. For that, the writings of Bloch, Sartre and Heidegger, as well as the dialogues contained in the film that rein force the authors' thinking are revisited.

Keywords:

Philosophy. Utopia. Dream-day. Existentialism. Cinema.

Introdução

Um dos princípios que sustentam a filosofia utópica de Ernst Bloch é o de “sonho diurno”. A expressão remete aos sonhos conscientes que as pessoas nutrem durante a vida. São projetos futuros, melhor formulados que aqueles vindos do instinto

¹⁹Mestre em Ciências Humanas - MPICH da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri. Licenciado em Filosofia pelo Centro Universitário Claretiano. Licenciado em Letras pela Universidade Estadual de Montes Claros (2007), Pós-Graduado em Língua Portuguesa pela Faculdade do Noroeste de Minas - FINOM, Pós-Graduado em Design Instrucional para EaD Virtual pela Universidade Federal de Itajubá – UNIFEI. Pesquisador CNPq do GECEF-CEUCLAR- Grupo de Estudos em Cinema e Ensino de Filosofia do Centro Universitário Claretiano. E-mail: wellington_costa_de_oliveira@hotmail.com

²⁰ Mestre em Scienze Filosofiche - Università Bologna (2012). Possui graduação em Comunicação Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2007) e tem experiência na área de Comunicação, com ênfase em Teoria da Comunicação, e na área de Filosofia Política, com ênfase em História da Filosofia Política. Pesquisador CNPq do GECEF-CEUCLAR- Grupo de Estudos em Cinema e Ensino de Filosofia do Centro Universitário Claretiano. E-mail: mrcossio@hotmail.com

do querer, do desejo, mas ainda não estruturados como práxis transformadora. De certa forma, o sonho diurno pode ser entendido como parte do processo de maturação da utopia concreta, pois nele estão compreendidos elementos fundamentais daquilo que o filósofo entende por utopia.

Como diz o próprio Bloch, na apresentação d' **O Princípio Esperança**, toda a sua obra trata de sonhos:

O tema das cinco partes desta obra são os sonhos de uma vida melhor. Seus traços e conteúdos imediatos, mas sobretudo os que podem ser mediados, são acolhidos, investigados e verificados largamente. E o caminho leva dos pequenos sonhos acordados para os robustos, dos claudicantes e passíveis de abuso para os vigorosos, dos castelos de vento inconstantes para aquela coisa que está por vir e é necessária. (Bloch, 2005, p.21).

No mundo da sétima arte, este conceito encontra uma demonstração quase exemplar na obra *Waking Life* (2001), de Richard Linklater. Isso porque a construção do roteiro remete constantemente ao caráter onírico da ação, apesar dos discursos terem uma certa lógica e consistência interna.

Neste trabalho, objetivou-se relacionar a filosofia utópica blochiana, principalmente seu conceito de sonho diurno, com o filme *Waking Life*, que nos parece um bom condutor para abordar (ou exemplificar) estes temas.

O conceito de sonho diurno dentro da filosofia utópica

A construção teórica da filosofia utópica de Ernst Bloch encontra-se, como o próprio filósofo afirma, bem condensada e explicada na Parte II da obra **O Princípio Esperança**. O foco deste texto está centrado na análise da “consciência antecipatória”, ou seja, na capacidade que desenvolvemos de antever determinadas possibilidades e trabalhar para que se concretizem. Em outras palavras, o filósofo procura entender as origens da utopia concreta, que se apresenta como sendo o oposto do sentido tradicional de utopia, entendida como fábula, projeto irrealizável, sonho impossível. Para isso, ele busca identificar o processo que leva o ser humano a ter (ou desenvolver) a esperança em dias melhores, esperança essa que muitas vezes acaba se tornando prática, através ação, no sentido de transformar a realidade.

O caminho traçado por Bloch é amplo e busca descobrir a essência da utopia

concreta. Para isso ele analisa o fato do ser humano projetar seu pensamento para o futuro até seu extremo mais simples, que ele identifica com o próprio fato de estarmos vivos: por que estamos vivos sentimos uma agitação interior, o pressentimento de uma falta, de um vazio, que é nosso primeiro impulso para a ação. Ele define assim este sentimento, que chama de urgência: “no nosso ser imediato, tudo se dá de modo vazio e por isto ávido; almejante e por isso inquieto. Mas nada disso se sente. Primeiro é preciso que isso saia de si mesmo. Então é percebido como uma urgência muito vaga e indefinida”.

Neste caso, a contribuição fundamental da dialética proposta por Bloch é a sua abertura ao futuro, como bem explica Stefano Zecchi (1974, p. 59): “este nexos [entre a atividade humana, a ação subjetiva, e o alcance da determinação objetiva à qual ela tende] não deve permanecer ancorado ao passado ou à justificação do presente, ele alcança uma validade humana se vem, ao invés, relacionado com um tempo não ainda presente, com as qualidades do real carregadas de futuro”. A identidade não é mais procurada no já ocorrido, mas no não-ainda-ocorrido; ou como diz Bloch (1992, p.6), “procuramos o verdadeiro e o real lá onde desaparece o simples dado”. Devido a essa compreensão da dialética, Bloch consegue colocar em movimento uma história capaz de sair da repetição estática, ou de pequenas superações que na verdade não mudam a estrutura fundamental das relações humanas. Colocar a utopia como princípio significa superar a filosofia que se remete sempre ao que já aconteceu. Isso não significa que ela deva andar rumo ao niilismo ou ao super-homem nietzschiano, mas em direção a “um saber como consciente prática-teoria” (Zecchi, 1974, p. 60).

Como podemos perceber percorrendo a história da utopia, uma característica fundamental de quem quer que assuma essa forma no seu trabalho é a crítica à sociedade de seu tempo. Com Bloch não é diferente. O desconforto que sente no confronto com a sociedade e com as formas de pensamento dominante- com uma filosofia incapaz de superar as barreiras do presente e do passado-, acaba por se transformar em um impulso para buscar, na utopia, o princípio para afrontar essa realidade. É neste contexto que se desenvolve o conceito de “sonho a olhos abertos”, que podemos identificar como o ponto de partida da sua teoria já no **Espírito da Utopia**, mas que é teorizado e aprofundado no Princípio Esperança.

Estes sonhos são como um primeiro instinto daqueles que se sentem desconfortáveis com a realidade. Quem não se conforma com a situação “não tolera uma vida de cão, jogada de modo meramente passivo no devir, no intocado, ou mesmo

no lastimavelmente reconhecido” (Bloch, 2005, p. 12). Bloch fornece, como exemplo limite, a fome. O primeiro instinto engendrado na presença da fome é o de saciá-la. Se, porém, ela se transforma em uma situação comum na vida, “se cresce incessantemente, não saciada por nenhum pão seguro, então muda radicalmente. O eu corpóreo se torna rebelde, procura o alimento não somente dentro dos velhos limites. Tenta mudar a situação que deixou o estômago vazio e a cabeça inclinada” (Ibid, p. 90).

Portanto, o sonho; não representado como uma “fuga insípida”, mas um sonho ativo, “sonhos de uma vida melhor, que seria possível”. É o sonho como abertura de uma possibilidade, a projeção no futuro de uma realidade que não pode estar toda no presente, ou na herança do passado; uma realidade que ainda não se apresentou. Este sonho é carregado de passado e de presente, pois de outra forma se transforma em fuga, não em utopia. Mas esta relação entre tempos é complexa e representa aquele que definimos como o primeiro passo do sistema dialético blochiano: o homem que se sente desconfortável com a sua situação atual e se projeta, quase instintivamente, nos “sonhos de uma vida melhor daquela que até agora viveu” (Ibid., p. 7).

Estes sonhos instintivos, próprios da natureza humana, podem ser compreendidos e vividos de diferentes formas. A distinção feita por Bloch, já na premissa de **Princípio Esperança**, é aquela entre o sonho autêntico e o não-autêntico. Mesmo que a existência burguesa tenha se fechado em um mundo sem perspectivas e o queira projetar em toda a sociedade, até mesmo como característica “do ser puro e simples”²¹, é parte da essência do homem ter esperança e sonhar com um mundo melhor. Ou, como diz o próprio autor, “a falta de esperança é a coisa mais insuportável, absolutamente intolerável para as necessidades humanas”. Sendo assim, mesmo aqueles que querem enganar utilizam-se da esperança e pregam sonhos. No entanto, estes são sempre desligados dos seus possíveis elementos de mediação, fechados “na pura subjetividade” ou projetados em um inacessível e consolador além. São sonhos incapazes de promover a superação, que imobilizam o homem em um esperar vazio sem ação transformadora. Mas mesmo esta esperança não-autêntica pode trazer consigo o princípio da transformação. O importante então é proceder em direção a um trabalho de clarificação e denúncia do engano pela “busca da tendência objetiva e da intenção

²¹ Bloch, 1994, p.7. “o interesse burguês gostaria de englobar no próprio fiasco cada interesse diverso, contraposto; e assim, para enfraquecer a nova vida, faz parecer fundamental, ontológica, a própria agonia. A ausência de perspectivas da existência burguesa é dilatada a ausência de perspectivas da situação humana em geral, do Ser puro e simples”.

subjetiva” (Ibid., p.8). O sonho deve passar do engano ao sonho que nos ajuda. Neste caso, é um sonho que participa e exige a nossa participação.

Da crítica aos sonhos não-autênticos podemos deduzir o que são os sonhos autênticos: aqueles em que se juntam a liberdade da fantasia onírica e a concretude do projeto, ou melhor, uma fantasia que podemos transformar em projeto. “Este vai do sonho a olhos abertos do tipo cômodo, tolo, banal, evasivo, desviante e paralisante, até o sonho responsável, relacionado às coisas de modo agudo e ativo, e até o sonho configurado na arte”, escreve Bloch (1994, p. 104), para dar início à reflexão sobre os sonhos a olhos abertos. O sonho autêntico, portanto, é aquele que se relaciona concretamente com o futuro e, como mais além veremos, enriquece o sentido da vida presente com a abertura da perspectiva do “não ainda consciente” em contraposição ao inconsciente.

O primeiro caráter do sonho a olhos abertos, que Bloch decompõe também em um segundo caráter, é justamente a liberdade da fantasia onírica controlada pela vontade de quem sonha; a conservação do *ego* na sua própria realidade. O *eu* do sonhador diurno é o personagem do seu próprio sonho, que não necessita de máscaras para se manifestar e não conhece limites, como no sonho de grandeza que teve César em frente à estátua de Alexandre. O *ego* é preservado, principalmente quando “tal sonho a olhos abertos irrompe na seriedade que lhe é coordenada, no projeto específico e inteligente” (Bloch, 1994, p. 109).

Outro caráter do sonho diurno é, não somente a ideia de uma vida melhor, mas também de um mundo melhor, com a capacidade de incluir também os outros na representação deste futuro. Neste caso estamos lidando com um nível de consciência no qual mesmo quando a intenção é totalmente particular, observa-se um acesso ao que é exterior, porque a felicidade individual depende também de uma conjuntura que a torne possível. A esta característica podemos relacionar também a possibilidade de comunicação dos sonhos diurnos, que possuem “imagens de desejo que têm um interesse universal” (Ibid, p. 111), e que existem como um aperfeiçoamento do mundo real, seja em ambiente artístico ou científico. No primeiro, o sonho diurno aparece como “grau preparatório da arte”, enquanto a dimensão utópica acrescenta tanto o “mundo melhor” quanto o “mundo mais belo”. É na arte realista (poesia realista) que Bloch vê este sentido utópico plenamente realizado: “Nos poetas realistas tais possibilidades objetivas aparecem claramente no mundo por eles representado. E isso não porque a natureza seja, por exemplo, transformada em fantástica, mas porque, ao invés, aquele

sonho de uma coisa se torna reconhecível na natureza e na história através de uma fantasia que se refere ao concreto e antecipa a possibilidade” (Ibid., p.113).

Esta é a identificação do sonho na própria coisa, na própria realidade, como uma tendência em direção ao “novo”. Neste sentido, podemos conceber a hipótese heurística da ciência como um sonho utópico, também radicado na realidade, mas propenso à descoberta: “Kepler sonhava tal perfeição mundana e descobriu as leis do movimento dos planetas. Na verdade, a realidade dessas leis não corresponde certamente ao sonho de perfeição da harmonia das esferas; de qualquer forma, o sonho veio antes” (Ibid.). Como já mencionado, é o sonho que ocasiona a ação, a descoberta, a transformação do mundo.

O quarto caráter do sonho diurno definido por Bloch é que ele “sabe que não se presta à renúncia”, ou seja, uma vez definido o objeto do desejo, trabalha-se até o fim para a sua realização. Assim, o sonho viaja no futuro até construir a realização daquele desejo originário. Por conseguinte, entende-se o sonho de um mundo melhor como um desejo comum da humanidade, permanecendo em sua história e progredindo ao futuro, este cada vez mais concreto. Na Utopia de More, esse futuro é colocado em outro lugar, não para renunciar à sua possibilidade, mas para indicar a sua distância. O objetivo da perfeição e a procura de uma sociedade perfeita podem se modificar, mas não deixam de existir, ainda que se tornem praticamente possíveis com a revolução. O sonho é o impulso inicial e percorre todo o processo, no qual ascende sua potencialidade utópica: “o sonho diurno projeta suas imagens no futuro, não de forma indiscriminada, mas que pode ser guiada até mesmo quando a imaginação é desenfreada, e é mediada com alguma coisa de objetivamente possível” (Ibid., p. 117).

Enfim, o sonho autêntico deve ser portador de esperança e contribuir na superação da angústia e do medo, considerados como sentimentos de espera. Estes caracterizam-se por serem orientados ao futuro, com uma natureza antecipatória, ao passo que quanto mais próximo este futuro é sentido, mais ele se torna uma paixão.

***Waking Life*, um filme de sonhos diurnos**

O filme *Waking Life* (2001), de Richard Linklater, chama a atenção por dois motivos: sua técnica de animação, chamada *rotoscópio*, que consiste basicamente em desenhar sobre cenas gravadas, e sua forma e conteúdo, centrado em diálogos

existenciais e filosóficos, vivenciados ou acompanhados pela personagem principal. Esta segunda particularidade do filme nos permite, por sua vez, trabalhar com dois níveis de interpretação: a análise dos diálogos individuais e do tema apresentados e a análise do filme como um todo, buscando um sentido mais abrangente para a obra. Essa busca remete à percepção de que todas as cenas conduzem à questão de como nos construímos enquanto sujeitos ao longo da vida, e o que esperar ou como agir no futuro. Estes são justamente os temas que estão no centro da filosofia utópica de Ernst Bloch, principalmente no que se refere ao conceito de sonhos diurnos já mencionados. Portanto, uma análise do filme sob essa ótica parece ser oportuna e construtiva, tanto para o entendimento do conceito blochiano, quanto para uma crítica aprofundada da obra cinematográfica.

O filme inicialmente propõe a seguinte reflexão: “sonhar é destino”. De acordo com o conhecimento sobre a palavra destino, pode-se inferir que sonhar faz parte da natureza humana e, ao mesmo tempo, direciona o nosso agir e pensar para o futuro. Observa-se que Bloch ao descrever os sonhos diurnos diz:

Em primeiro lugar, todo ser humano, na medida em que almeja, vive do futuro: o que passou vem só mais tarde, e o presente autêntico praticamente ainda não está aí. O futuro contém o temido ou o esperado e, estando de acordo com a intenção humana, portanto sem malogro, contém somente o esperado”. (BLOCH, 2005, p. 15).

Quando se sonha, tem-se a impressão de experienciar a própria realidade. Nota-se claramente que a personagem do filme não permite transparecer se está acordado ou dormindo, mas configura a ideia de estar vivenciando a realidade e dialogando com o próprio destino. Tal situação é consoante o texto de Bloch acima citado, visto que as indagações da personagem produzem a angústia daquilo que ainda está por vir, ou seja, o futuro.

Busca-se na filosofia existencialista, e observa-se em Heidegger e Sartre que o ser humano é um existente. Sartre postula que:

Em primeira instância, o homem existe, encontra a si mesmo, surge no mundo e só posteriormente se define. O homem, tal como o existencialista o concebe, só não é passível de uma definição porque, de início, não é nada, só posteriormente será alguma coisa e será aquilo que ele vier de si mesmo. Assim, não existe natureza humana, já que não existe Deus para concebê-la (SARTRE, 1987, p. 5).

O homem é o que ele vai construindo ao longo de sua vida. Sendo assim, o homem (ser) não é um sujeito acabado, pronto. Ele vai se fazendo e refazendo ao longo da vida.

Bloch ressalta que no início da vida não temos nada: “Movimento-me. Desde cedo na busca. Completamente ávido, gritando. Não se tem o que se quer” (BLOCH, 2005, p.28). Sob essa ótica, o filme demonstra em um de seus diálogos que “a criação vem da frustração, da imperfeição e do anseio. Somente através do processo criativo que é que se cria a consciência das coisas”.

O filme traz também a seguinte reflexão: uma metáfora estabelecida entre um automóvel e um barco, através de um diálogo, demonstrando que aquilo que me conduz ao longo do caminho é a extensão da minha personalidade, sendo uma “janela para mundo”. O “sonhar diuturnamente” é realizar essa viagem neste oceano, onde o mais importante não são as possibilidades que vida ofereceu, mas o manejo que se teve com elas, e com cada sonho. Essa ideia corrobora o pensamento de Bloch, de acordo com a afirmação de que “se alguém sonha, nunca fica parado no mesmo lugar. Move-se, quase que a seu bel prazer, do lugar ou condição em que se encontra naquele justo momento” (BLOCH, 2005, p.32).

Em alguns diálogos do filme, nota-se que o existencialismo pode ter sido interpretado por seus personagens de forma equivocada, como uma teoria do desespero, do pessimismo exacerbado. As teorias modernas fragmentaram o indivíduo, fazendo-o não perceber a realidade em sua totalidade. Nesse sentido, há uma perda significativa, evidenciada nas palavras: “perdemos as virtudes verdadeiras de viver a vida apaixonadamente e a responsabilidade pelo o que se é”. Dessa forma, a escrita de Bloch comunga com a mensagem contida na película, à medida que surgem questionamentos como: Quem sou eu? De onde vim? Para onde vou? O que esperar? O que me espera? “Muitos se sentem confusos e nada mais. O chão balança, eles não sabem por que e nem de quê. Esse seu estado é de angústia. Tornando-se mais definido, é medo” (BLOCH, 2005, p. 13).

Porém, a filosofia da utopia de Bloch pretende identificar de que forma superar esse medo e transformá-lo em esperança. Isso ocorre quando conseguimos realizar a tendência objetiva, que se caracteriza por ser o que a realidade nos oferece de possibilidades concretas e com a vontade subjetiva. Esta pode ser traduzida como a capacidade de mobilização em busca de uma práxis transformadora da realidade em

busca de um mundo melhor.

No filme, essas duas dimensões da utopia, a tendência objetiva e a intenção subjetiva, estão presentes e entrelaçadas, sugerindo que ambas fazem parte de um único processo de construção da realidade futura. Em uma das cenas, onde a personagem está num restaurante e ouve um discurso sobre a teoria da evolução da espécie humana e o que esperar para o futuro, temos um típico exemplo de tentativa de identificar uma tendência objetiva, uma possibilidade de transformação visível e aberta na própria realidade presente. Quanto à intenção subjetiva, são apresentados dois exemplos bastante típicos: o do jovem que, cansado de falar, decide tomar a atitude extrema de atear fogo em seu próprio corpo e em um outro rapaz que percorre a cidade de carro, exortando as pessoas a tomarem alguma atitude contra o sistema de opressão, o atual sistema capitalista.

Conclusão

Os sonhos de uma vida melhor fazem parte da experiência humana. Todos nós, em algum momento, nos pegamos pensando no futuro e, normalmente, essa imagem vem acompanhada do desejo de que aquilo que ainda está por vir seja melhor do que o passado e o presente. Ou seja, a experiência humana é permeada pela utopia e por este sonho que alimentamos, independente do nível ou da intensidade de sua presença.

Neste artigo procuramos descrever e relacionar duas formas distintas e complementares de abordar o tema da utopia: uma filosófica, a partir da obra de Ernst Bloch, e outra estética, com o filme *Waking Life*, de Richard Linklater. Nestes dois enfoques o fio condutor é sempre o sonho, ou imaginação, que acompanha o pensamento voltado ao futuro, as projeções de uma realidade outra - e normalmente melhor - daquela que vivenciamos atualmente.

Ao tratar dos sonhos, Bloch nos apresenta uma filosofia que desnuda e percorre todos os níveis dessa projeção, desde os anseios mais básicos do ser humano, movidos pela necessidade de saciar seus instintos mais elementares, até os sonhos que se tornam projetos concretos de ação e transformação da realidade. Neste caso, Bloch se detém naquilo que chama de sonhos diurnos, ou sonhos a olhos abertos, nos quais se fundamenta a construção destes projetos futuros.

Estes conceitos apresentados pelo filósofo alemão encontram uma representação estética exemplar no filme de Richard Linklater. O próprio título, *Waking Life* (no Brasil

traduzido como **Despertando Para a Vida**) nos coloca no centro da reflexão de Bloch. Isso porque o filme, ao apresentar uma série de debates filosóficos, existenciais e políticos, nos remete à história de um indivíduo que busca um caminho a seguir, e o despertar de um sonho onde seja possível tornar realidade as intenções contidas nas análises da realidade.

O filme se torna ainda mais coerente com a filosofia blochiana quando pensamos nos conceitos de tendência objetiva e intenção subjetiva, fundamentais para a passagem do sonho para a utopia concreta dentro do sistema filosófico de Bloch. Os diálogos parecem se alternar, ora expondo uma situação psicológica de vontade de agir, ora uma análise da realidade, que, combinadas, nos passam a ideia de ser possível agir para a transformação.

Essa interação exemplar de filosofia e cinema pode (e deve) ser usada para expor as ideias, construir pensamento e diálogos entre ciência e arte.

Percebe-se, portanto, a finitude do ser humano, vagando pelo mundo, continuamente dilacerado por situações problemáticas. Concomitante, o homem vai se construindo e reconstruindo a cada momento e circunstância proposta pela vida, situação latente tanto no filme quanto nos textos de Bloch.

*Submetido em janeiro de 2018.
Aprovado em abril de 2018.*

Referências

BLOCH, Ernst. **O Princípio Esperança**. Trad. Nélio Schneider, Werner Fucks. Rio de Janeiro, Contraponto, 2005.

BLOCH, Ernst. **Spirito dell' utopia**, a cura di Francesco Coppellotti, Scandicci: La nuovaItalia, 1992.

BLOCH, Ernst. **Il principio speranza**: scritte negli USA fra il 1938 e il 1947, rivedute nel 1953 e nel 1959, introduzione di Remo Bodei, 3 voll., Milano: Garzanti, 1994.

HEIDEGGER, M. **Ser e Tempo**. Tradução de Márcia de Sá Cavalcanti. Petrópolis: Vozes, 1989a.

SARTRE, Jean-Paul. **O ser e o nada**: Ensaio de ontologia fenomenológica. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

ZECHI, Stefano. **Utopia e speranza nel comunismo: un'interpretazione della prospettiva di Ernst Bloch**, Milano: Feltrinelli, 1974.